



IMAGINÁRIO NAPOLEÔNICO E TENTATIVA DE SEDIÇÃO NO PERNAMBUCO DE 1817

Maísa Carla Ramos de Moura¹

RESUMO

O presente artigo levanta questões sobre a tentativa de sedição que intencionava libertar Napoleão Bonaparte da Ilha de Santa Helena, no período em que ocorreu a Revolução de 1817 em Pernambuco, fazendo análises entre o imaginário político napoleônico no nordeste brasileiro e a necessidade que os ex-soldados franceses tinham de resgatar Napoleão. Foram utilizados vários recursos bibliográficos para a compreensão de alguns fatos históricos que precederam o ano 1817 e que, possivelmente, tenham sido decisivos para a tentativa de sedição. Como as guerras envolvendo a França, Inglaterra, Portugal e Estados Unidos, que formaram pólos diplomáticos, as ideias liberais, intensamente difundidas após a Revolução Francesa, os ideais napoleônicos, importantes para a construção do imaginário político sobre esse personagem e a fuga dos ex-soldados napoleônicos para a América; embasadas teoricamente, serão levantadas algumas hipóteses sobre a questão proposta, de forma a deixar o campo de estudo aberto para outras análises.

Palavras-chave: Napoleão Bonaparte. Cultura Política. Revolução de 1817.

ABSTRACT

This article raises questions about the attempt of sedition, that intended to free Napoleon from St. Helena Island in the period which happened the Revolution of 1817 in Pernambuco, making analysis among the political imaginary Napoleon in northeastern Brazil and the need for ex-French soldiers had to rescue Napoleon. A range of library resources for the understanding of some historical facts that preceded the year 1817 and, possibly, have been instrumental in the attempt to sedition. As the wars involving France, England, Portugal and the United States, diplomatic centers that formed liberal ideas, intensely widespread after the French Revolution, the Napoleonic ideals important for the construction of political imaginary about this character, and the escape of former soldiers Napoleonic to America; theoretical foundation, some hypotheses will be raised on the question proposed in order to leave the field of study open for further analysis.

Key words: Napoleon Bonaparte. Political Culture. Revolution of 1817.

INTRODUÇÃO

O assunto aqui abordado, refere-se à possível tentativa de sedição ocorrida no ano de 1817 que visava o rapto do ex-imperador da França, Napoleão Bonaparte, da Ilha de Santa Helena para a Ilha de Fernando de Noronha e; posteriormente, para a América do Norte, onde encontraria José Bonaparte, seu irmão mais velho, e muitos dos seus antigos colaboradores,

¹ Graduanda em Licenciatura Plena em História pela Universidade Católica de Pernambuco, bolsista de Iniciação Científica pelo CNPq e orientanda do Professor Dr. Flávio José Gomes Cabral. (isa_mou@hotmail.com)



analisando até que ponto os participantes da Revolução Pernambucana de 1817 estiveram atrelados a esta trama, influenciados pelo imaginário político napoleônico e pelos ideais de sublevação dos ex soldados franceses.

Foram utilizados como base para a problemática abordada, a obra de Donatello Grieco, “Napoleão e o Brasil”, um dos primeiros registros bibliográficos sobre esse contexto e a tese de Raquel Stoiani, que aborda os usos políticos do imaginário francês e napoleônico na América portuguesa¹. Para a compreensão dos acontecimentos que precederam o ano de 1817, foram utilizados os artigos publicados na Revista de História da Biblioteca Nacional, de Raquel Stoiani, *Retrato Inacabado*, de Lúcia Maria Bastos Pereira das Neves, *A besta e o mito*, e de Flávio José Gomes Cabral, *A República Pernambucana*; sem falar na obra de Eric J. Hobsbawm, *A Era das Revoluções*, que serviu para a compreensão de outras questões históricas que envolveram o tema.

O estudo proposto por esse trabalho é o primeiro resultado da pesquisa que encontra-se em andamento no Centro de Teologia e Ciências Humanas da Universidade Católica de Pernambuco, intitulada “Napoleão Bonaparte: sedição e imaginário político em Pernambuco (1817-1818)”, orientada pelo Professor Dr. Flávio José Gomes Cabral que visa a compreensão do imaginário político e o mito napoleônico na Revolução de 1817.

Neste artigo, foram analisadas algumas questões sobre a provável composição e ordenação da teia sediciosa, questões estas, que levam em consideração não só o imaginário napoleônico, presente em Pernambuco desde o início do século XIX, mas também, a influência que os ex soldados napoleônicos exerciam sobre os líderes da nova república brasileira, destacando a necessidade que os antigos militares franceses tinham de capturar Napoleão da ilha Santa Helena.

Confrontando fontes com problemáticas teóricas referentes a noções de sociabilidade, mentalidade e cultura política, a proposta do trabalho é contribuir para a análise de estudos posteriores sobre a temática, abrindo para o campo de pesquisa novas perspectivas a respeito da Revolução de 1817.

1. IMAGINÁRIO POLÍTICO

1 STOIANI, Raquel. *Napoleão visto pela luneta d'El-Rei: construção e usos políticos do imaginário francês e napoleônico na América portuguesa*. 1808-1821. São Paulo, SP: 2009, p. 450.

Segundo Vasco Mariz², durante os primeiros vinte anos do século XIX, a fama e o fascínio por Napoleão estiveram bem presentes no Brasil, juntamente com as idéias liberais de liberdade, igualdade e democracia da Revolução Francesa de 1817 e da independência dos Estados Unidos da América.

No início do século XIX, jovens brasileiros, filhos de senhores abastados³, tiveram acesso ao ensino superior em Portugal, onde entraram em contato com os ideais Iluministas difundidos após a Revolução Francesa de 1789. Esse acesso aos novos tipos de perfis econômico, político e social, desenvolvidos na Europa, influenciaram e entusiasmaram os estudantes da América que voltaram para o Brasil trazendo diferentes ideias sobre a relação de poder, vontade e liberdade.

Donatello Grieco afirma que “em Pernambuco, em Minas, no Pará ou no Maranhão, onde quer que se reunissem homens cultos, professores, letrados e até mesmo religiosos”⁴, lá estavam os manuais literários, presentes na França revolucionária, guiando os pensamentos e os desejos libertários dos intelectuais, que deixavam as autoridades provinciais e metropolitanas sempre em alerta.

Porém, vale ressaltar que uma das duas maiores influências políticas desse período vinha da forma como os Estados Unidos havia utilizado as ideias Iluministas para compor o governo republicano instaurado na América do Norte, que serviram de exemplo para os insurretos de 1817 no estado de Pernambuco. A outra forte influência política foi o fascínio que o personagem do ex-imperador francês despertou no imaginário popular. “A glória de Napoleão Bonaparte não poderia deixar de também iluminar a imaginação de muitos desses rebeldes do Nordeste”⁵. “[...] o fascínio que Napoleão Bonaparte exerceu em sua época contaminou os brasileiros”⁶. Mesmo diante de intermináveis controvérsias sobre o perfil político e pessoal de Napoleão, vindos da Europa e divulgados no Brasil, diversos foram os que assumiram ser seus seguidores dentro do país.

Levando em consideração o destaque dado por Raquel Stoiani ao estudo feito por Georges Lefêvre⁷, em seu *Napoléon* (1935), possivelmente esse fascínio por Napoleão tenha

2 MARIZ, Vasco. Napoleão e a Revolução Pernambucana de 1817. *Carta Mensal*, Brasília, nº 611, v. 51, fev. 2006, p. 64-80.

3 FERREIRA, Zilneide O. As idéias liberais no Brasil colonial e a constituição brasileira de 1824. *Informe Econômico*, Piauí, nº 22, p. 7-14, dez. 2009 – jan. 2010, p. 8.

4 GRIECO, Donatello. *Napoleão e o Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1939, p. 11.

5 *Ibid.*, p. 6.

6 NEVES, Lúcia. A besta e o Mito. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, nº 55, abr. 2010, p. 28.

7 “[...]referência nos estudos sobre Napoleão.” (STOIANI, Raquel. Retrato Inacabado. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, nº 55, abr. 2010, p. 18-22)



surgido pela imagem do “homem racionalista do século XVIII, que detestava o feudalismo, a desigualdade civil e a intolerância religiosa”⁸, e pelos benefícios econômicos que ele proporcionou à França.

Essa presença “simbólica”⁹, que o personagem do ex imperador francês fez aludir na mente das pessoas, ganhou peculiaridade, segundo Stoiani, “em um período em que Bonaparte já se encontrava fora do poder e da Europa”¹⁰. Todas as informações que diziam respeito a ele eram válidas, mesmo que fossem apenas sobre a sua situação no exílio.

A persistência desse indício napoleônico no imaginário popular é comprovado, segundo a autora, através de documentos que mostram o sucesso de procura e venda de publicações, bibliográficas ou jornalísticas, junto ao público sobre a temática. “Na edição extraordinária da *Gazeta* de 13/11/1815 fala-se sobre a partida de Napoleão para Santa Helena. E o redator coloca a necessidade de notícia relacionada a tão desprezível homem por ser “o abatido Usurpador o objeto da curiosidade, e inquietação de todos”¹¹. Mesmo exilado, a lenda do personagem napoleônico ampliava-se sem pausa. “Se a movimentação de seu corpo físico era restrito pelos reduzidos limites de Santa Helena, seu corpo mítico não via limites no imaginário e na lembrança da época”¹².

2. FRANCESES NA AMÉRICA

Fazendo referência aos acontecimentos ocorridos antes do período da Revolução Pernambucana, mas que foram decisivos para a formação do cenário político mundial da época, vale ressaltar os anos de conflitos, quase ininterruptos, entre França e Inglaterra, proveniente de desavenças anteriores a Guerra dos Cem Anos quando ambos começaram a disputar por territórios, centros econômicos e poder político pela Europa. Essas nações travaram diversos outros conflitos. Dentre eles, estão a Guerra dos Sete Anos e a Guerra de Independência das 13 colônias Norte Americanas. A política de “eliminação total”¹³, referente

8 Ibid., p. 21.

9 Raquel Stoiani refere-se a influência napoleônica no imaginário popular como sendo simbólica, por ter sido construída “sem conotação de existência física efetiva de uma pessoa em um determinado lugar” (STOIANI, 2009, p. 432)

10 Ibid., p. 433.

11 Ibid., p. 434.

12 Ibid., p. 434.

13 Ideário político/econômico travado entre a França e a Inglaterra, que visava eliminar o rival para alcançar a maior quantidade de mercados europeus, coloniais e marítimos. (HOBSBAWM, Eric J. **A Era das Revoluções: Europa 1789-1848**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977, p. 123.)

a disputa econômica travada entre os países citados, fez surgir uma aliança inesperada entre a França e “os Estados coloniais, comerciais e marítimos da América, que viam com apreensão ou hostilidade essa situação”¹⁴. Diante das circunstâncias, as colônias norte americanas tornaram-se aliadas, mesmo que neutras, da França. Fato que futuramente auxiliaria no exílio de centenas de ex-soldados franceses para a América do Norte.

Mas, quando me refiro à América, para falar do local de exílio de ex-militares franceses, procuro não delimitar apenas ao norte, mesmo que tenha sido o local de maior escolha para o destino dos exilados, devido a antigas alianças diplomáticas, mas também ao sul do continente. O Brasil foi alvo de muitos refugiados franceses. Segundo Raquel Stoiani¹⁵, existem alguns registros de franceses que fixaram residência na América portuguesa antes mesmo da primeira abdicação de Napoleão. Essa presença foi tímida. A pesquisadora encontrou apenas vinte casos de exilados, que chegaram ao país no período em que Portugal ainda encontrava-se em guerra com a França. Porém, segundo ela, após a primeira abdicação de Napoleão, foram achadas identificações de oficiais franceses nos registros do Brasil, mesmo o número de declarados militares não sendo expressivo nas documentações, apenas aqueles com maiores patentes. Essa análise documental feita pela pesquisadora foi muito importante para os estudos sobre a temática; visto que muitos estudiosos referem-se às migrações francesas no período pós-napoleônico; apenas, para a América do Norte.

Dentre os motivos que estimularam esse “deslocamento continental”, após a primeira abdicação de Napoleão, o mais significativo fazia referência ao novo governo que se instaurava na França. Se esses militares continuassem no país teriam que escolher entre se submeter ao juramento de fidelidade aos Bourbons ou à situação de mediocridade, orgulhando-se apenas das conquistas de outrora; sem falar, que muitos bonapartistas foram massacrados, desligados de seus cargos, condenados à morte, excluídos de instituições de ensino superior e banidos¹⁶. Para fugir dessa situação, alguns oficiais transferiram-se para terras da América.

Vale ressaltar que, durante as guerras napoleônicas, muitos militares tiveram que se ausentar do país para cumprir obrigações em campos de batalha. Segundo Stoiani, é provável que muitos desses soldados não tenham conseguido manter seus cargos após ser estabelecida a paz geral na França. E que, com o retorno destes para o país, tenha aumentado

14 Ibid., p. 123.

15 Sua tese de doutorado em História Social é carregada de estudos documentais sobre emigrados franceses no Brasil entre 1808 e 1821.

16 STOIANI, 2009, p. 380.

significativamente a oferta de mão-de-obra para a área que não estava sendo proporcionalmente acompanhada pela procura do mercado, o que provavelmente repercutiu em desemprego e baixa de salário; podendo ser este, outro motivo para a procura de refúgio na América.

Todo esse movimento de bonapartistas militante não poderia deixar de causar sérios sustos aos representantes diplomáticos da França e da Grã-Bretanha junto ao governo dos Estados Unidos, [...]que comunicariam, apreensivos, aos seus governos, as manobras desses emigrados franceses, no sentido de raptar Napoleão, centralizadas em Pernambuco, no Brasil – porto considerado mais próximo de Santa-Helena.¹⁷

Apesar de estarem em terras do Novo Mundo, os mais audaciosos dos ex-militares de Bonaparte não se contentaram em viver de lembranças; e, “jamais desanimaram na urdidura dos meios de execução de diversos planos para o rapto de Napoleão do rochedo atlântico”¹⁸, estimulados pelos sonhos de voltar a viver de glórias.

Por traz das supostas tramoias sediciosas, estavam não só os militares, mas também José Bonaparte, irmão mais velho de Napoleão, que encontrava-se refugiado nos Estados Unidos. Durante anos, organizaram a expedição para libertar o ex imperador francês de Santa Helena, mas a tentativa do Golfo do México não teve sucesso, pois a frota foi destroçada por um ciclone nos próprios mares em que foi organizada. Mas as tentativas não iriam acabar. Todas as possibilidades e oportunidades seriam válidas para capturá-lo.

3. REVOLUÇÃO PERNAMBUCANA

Após nove anos da presença da família real portuguesa nos trópicos, as mudanças oriundas da transferência da corte já eram sentidas em várias partes do território brasileiro. Os portos haviam sido abertos às nações amigas e o Brasil elevado a Reino Unido. Porém, “as províncias mais afastadas do centro fluminense continuavam submetidas a uma administração de caráter colonial, agora exercida pela 'nova metrópole' do Rio”¹⁹. Tal fato despertou um sentimento que estava parcialmente adormecido na mente dos discípulos de Arruda Câmara e de Suassuna. Nesse momento, o termo “pátria” deixava de fazer referência aquele que lutava pela “defesa da ordem monárquica nacional”²⁰, e passava a ser sinônimo de luta contra os abusos da coroa.

17 GRIECO, 1939, p. 20.

18 Ibid., p. 19.

19 STOIANI, 2009, p. 451.

20 Ibid., p. 451.

A rebelião, que encontrava-se em fase de organização, teve que ser antecipada após a denúncia das reuniões conspiradoras às autoridades governamentais e as posteriores prisões de alguns membros. No dia 06 de março de 1817, os insurretos tomaram as ruas do Recife exigindo a saída de Caetano Pinto Montenegro, governador de Pernambuco desde 1804. No dia seguinte, o novo governo da província já começava a ser formado. Afim de apagar as lembranças do passado colonial e da realeza portuguesa, nomes de ruas, praças e monumentos foram modificados e a bandeira da Nova República foi criada e apresentada à população.

Os insurretos, sozinhos, não iriam conseguir se manter por muito tempo. Foi quando vários emissários começaram a ser enviados para províncias vizinhas e nações no exterior. Um deles, Antônio Gonçalves da Cruz, o Cabugá, junto com o seu secretário, Domingues Malaquias, seguiram para os Estados Unidos em busca de reconhecimento diplomático, apoio comercial, dando direitos sobre os gêneros produzidos em Pernambuco, compra de armas e munições e alistamento de novos oficiais pela causa.

Inúmeras foram as dificuldades encontradas para fazer contato junto ao governo norte-americano. Mas, em compensação, muito prontamente conseguiria despachar para Pernambuco duas embarcações (*Parangon* e *Pinguim*) carregadas de armas, munições e homens que haviam alistado-se ao serviço da pequena República. Dentre estes, muitos emigrados bonapartistas franceses que pensavam **fazer uso** dos transportes e da boa vontade de Cabugá para pôr em ação um plano de evadir Napoleão de Santa Helena.²¹

Em destaque na citação acima, está a expressão “fazer uso”, que, ao meu ver, a autora se referiu ao oportunismo dos bonapartistas franceses, que viram na Revolução de 1817 a oportunidade para colocar em prática o plano de evadir Napoleão de Santa Helena. Donatello Grieco faz uma referência semelhante a anterior, quando mencionada a intensão dos conspiradores franceses quanto aos “bons ofícios” de Cabugá.

Foi nesse momento que os mais audaciosos dentre os conspiradores bonapartistas radicais nos Estados Unidos resolveram **aproveitar a oportunidade** que se lhes deparara – utilizando-se dos bons ofícios de Cabugá e também da nomeação de Joseph Ray, com quem mantinham estreitas relações.²²

Detalhes da tentativa de sedição está registrada no livro de Donatello, que estudou algumas cartas circuladas no período dentro e fora dos Estados Unidos. Uma delas relata as atividades dos emigrados ao ministro da Grã-Bretanha em Washington.

[...]O coronel Latapie já partiu com trinta e dois homens para Pernambuco. O ponto de reunião desta expedição é a ilha de Fernando de Noronha, situada a sessenta e duas léguas da costa do Brasil. Ali devem reunir-se os oficiais franceses de Bonaparte, em número de aproximadamente oitenta,

21 STOIANI, 2009, p. 454

22 GRIECO, 1939, p. 24

setecentos oficiais americanos, duas escunas e um navio armado por Lord Cochrane [...]e tendo a seu bordo marinheiros e duzentos ou trezentos oficiais. Estas forças reunidas devem marchar sobre Santa-Helena, acometer o navio inglês que cruza nas adjacências, incendia-lo e operar em seguida três ataques; [...]O primeiro será apenas simulado e terá por fim atrair para aquele ponto as tropas inglesas; o grosso das forças expedicionárias marchará sobre o segundo ponto designado e de lá dirigir-se-á ao forte que ocupa o centro da ilha. O resto, compondo o terceiro corpo de operações, marchará sobre a residência de Bonaparte, afim de raptá-lo, pô-lo a bordo do melhor veleiro, à espera em Prosperous-Bay, que irá desembarcá-lo nos Estados Unidos.²³

A Revolução de 1817 é abafada em 20 de maio do mesmo ano, com bombardeios, prisões e mortes. Para os sediciosos, isso não foi um empecilho. Segundo Donatello, a revolução podia ter acabado, mas os planos dos audaciosos franceses continuavam em andamento.

Se aí se encerra, com uma impiedosa devassa e algumas execuções capitais, a República de Pernambuco – não se encerra, entretanto, a conspiração dos soldados napoleônicos com o objetivo de uma evasão do Imperador de Santa-Helena, rumo à América, onde viveria livre e feliz ao lado de seus guerreiros dos tempos aureos.²⁴

4. SEDIÇÃO EM 1817: FORÇA DO IMAGINÁRIO OU DO OPORTUNISMO?

Poucos trabalhos publicados sobre a tentativa de sedição fazem referência a estudos documentais do estado de Pernambuco; e, até mesmo do Brasil. Acredito que por esse motivo muitas lacunas ainda encontram-se abertas sobre o fato, mais especificamente sobre a participação dos revolucionários pernambucanos.

Fazendo uma reflexão de tudo o que foi explanado no artigo até aqui, podemos nos questionar sobre a intenção dos exilados franceses quando “apoiaram” a nova República. Outra questão refere-se à intenção dos insurgentes ao mandar Cabugá para os Estados Unidos. Quando procuraram o apoio norte-americano, eles sabiam dos planos dos ex militares, podendo terem sido informados por franceses residentes no Brasil? Ou foram apenas usados pelos sediciosos?

A pesquisa, “A sedição em curso: política, cultura e imaginário napoleônico no Brasil (1800-1817)”, que está sendo feita por alunos da Universidade Católica de Pernambuco, com a orientação do Professor Dr. Flávio José Gomes Cabral, tem o intuito de analisar as questões sobre a temática mencionadas aqui, que estão em aberto ou que possuem exagero na descrição

23 GRIECO, 1939, p. 25

24 Ibid., p. 32



dos fatos. Nessa pesquisa, são estudados os documentos do processo da devassa instaurada em Pernambuco com o fim da Revolução de 1817, que tinha como objetivo recolher depoimentos dos insurretos sobre os acontecimentos; e, é através desse documento que muitas das perguntas que envolvem a intenção e possível participação dos revolucionários de 1817, na tentativa de sedição, poderão ser melhor compreendidas. Esse trabalho está em andamento desde agosto de 2011 e se estenderá até 2013. Até então, cogita-se publicar, com o final das pesquisas, materiais que possam elucidar os eventos.

Muitas histórias sobre o estado de Pernambuco ainda estão para ser decifradas, e recursos dentro do estado não faltam para isso. A participação dos revolucionários de 1817 precisa deixar de ser um mero romance e tornar-se um fato histórico, que prove, ou não, a participação efetiva na tentativa de sedição.

REFERÊNCIAS

CABRAL, Flávio José Gomes. A República de Pernambuco. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, Acervo virtual, Rio de Janeiro, set. 2007. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos-revista/a-republica-de-pernambuco>>. Acesso em: 28 set. 2011.

FERREIRA, Zilneide O. **As idéias liberais no Brasil colonial e a constituição brasileira de 1824**. *Informe Econômico*, Piauí, ano 10, nº 22, dez. 2009 – jan. 2010, p. 7-14.

GRIECO, Donatello. **Napoleão e o Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1939.

HOBSBAWM, Eric J. **A Era das Revoluções: Europa 1789-1848**, tradução de Maria Tereza Lopes e Marcos Pechel. 22ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

MARIZ, Vasco. Napoleão e a Revolução Pernambucana de 1817. **Carta Mensal**, Brasília, nº 611, v.51, fev. 2006, p. 64-80.

NEVES, Lúcia Maria Bastos das. A besta e o Mito. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro: SABIN, ano 5, nº 55, p. 26-29, abr. 2010.

STOIANI, Raquel. **Napoleão visto pela luneta d'El-Rei: construção e usos políticos do imaginário francês e napoleônico na América portuguesa**. 1808-1821. São Paulo, SP: 2009. Originalmente apresentada como tese de doutorado, Universidade de São Paulo, 2009.

_____. Retrato Inacabado. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro: SABIN, ano 5, nº 55, p. 18-22, abr. 2010.

